

## **Psicanálise, Colonização e *Histoeria***

Projeto de Pesquisa apresentado à Associação Universitária de Pesquisa em  
Psicopatologia Fundamental

Pedro Dalla Bernardina Brocco

### **Nota curricular**

Pedro Brocco é Psicanalista, Doutor em Ciências Jurídicas e Sociais pela Universidade Federal Fluminense. Desenvolve pesquisas nos campos da Filosofia e História do Direito, da Antropologia Jurídica, da Ética e da Psicanálise. Associado ao Corpo Freudiano Escola de Psicanálise Seção Rio de Janeiro.

### **Resumo**

Este projeto busca articular os conceitos fundamentais da psicanálise freudiana e lacaniana aos estudos de Manoel Tosta Berlinck sobre a colonização numa direção em que seja possível articular *Psicanálise, Política, História e Humanidades* em uma abordagem da psicopatologia da colonização a partir de uma construção teórica que marca o problema fundamental que a metafísica ocidental opera a partir do conceito de “humanismo”, ou de “humano”, nomeável enquanto humano verdadeiro, em oposição ao gentio, ao bárbaro, ao estrangeiro, ao “de fora” e “menos humano”. Se o processo analítico, segundo Lacan, torna possível uma historização do sujeito em uma ponte construída pelo discurso da histeria, que podemos ler a partir do neologismo *histoeria*<sup>1</sup> (LACAN, 1976/2003, p. 567-569), cabe aqui marcar este ponto: é no questionamento do discurso que pretende produzir um saber canônico sobre o humano que a nossa abordagem encontra a histeria, na medida em que esta produz tal questionamento sobre o sexo. Com a aposta de utilizar a bibliografia psicanalítica para a abordagem de problemas cruciais em seu aspecto histórico, social e cultural, iniciaremos um percurso de trabalho em torno das relações entre colonização, linguagem e psicanálise.

\*\*\*

---

<sup>1</sup> *Hystoire*.

Este projeto busca articular os conceitos fundamentais da psicanálise freudiana e lacaniana aos estudos de Manoel Tosta Berlinck sobre a colonização numa direção em que seja possível unir *Psicanálise, História e Humanidades* em uma abordagem da psicopatologia da colonização a partir de uma construção teórica que marca o problema fundamental que o engodo metafísico ocidental opera a partir do conceito de “humanismo”, ou de “humano”, nomeável enquanto humano verdadeiro, em oposição ao gentio, ao bárbaro, ao estrangeiro, ao “menos humano”. Se o processo analítico, segundo Lacan, torna possível uma historização do sujeito em uma ponte construída pelo discurso da histeria, que podemos ler a partir do neologismo *histoeria*<sup>2</sup> (LACAN, 1976/2003, p. 567-569), cabe aqui marcar este ponto: é no questionamento e no furo do discurso ao produzir um saber canônico sobre o humano, que a nossa abordagem encontra a histeria, que produz tal questionamento sobre o sexo. Com a aposta de utilizar a bibliografia psicanalítica para a abordagem de problemas cruciais em seu aspecto histórico, social e cultural, iniciaremos um percurso de trabalho em torno das relações entre colonização, linguagem e psicanálise.

Um dos mais importantes desafios da ética contemporânea é o exercício do reconhecimento da diferença radical na relação com o próximo e seu desejo. A construção de tal abordagem, entretanto, atravessa ainda inúmeros impasses. O *instante de ver* a diferença, em um âmbito mais abrangente e global, se deu a partir do início das Navegações e o contato com o Novo Mundo na virada dos séculos XV e XVI e, sobretudo, com a fundação da Companhia de Jesus e o projeto de missionação em escala global, na segunda metade do século XVI.

A História da humanidade, do ponto de vista hegeliano-marxista, está calcada no conflito: senhor contra escravo, explorados contra exploradores, capital contra trabalho. Contudo, a História humana também se mostra como História de permanente colonização: colonização de linguagem e de texto. Lacan afirma que o têxtil é primeiramente um texto (LACAN, 1959-1960/2008, p. 272), para depois afirmar que o homem enquanto tal, homem com direitos, começa a se individualizar a partir do momento em que detém panos com furos nos quais ele introduz a cabeça e em seguida os braços, por meio dos quais ele começa efetivamente a se organizar como trajado, como tendo necessidades que foram satisfeitas. Mas o bem avança em outra direção: não se detém apenas na via da necessidade: há outra coisa além de seu valor de uso, há

---

<sup>2</sup> *Hystoire*.

sua utilização de gozo. Em outros termos o bem se articula no nível em que o sujeito pode dele dispor: “dispor de seus bens é ter o direito de privar os outros de seus bens” (LACAN, idem, p. 274). Daí Lacan vai afirmar que a dimensão do bem (do gozo) levanta uma muralha poderosa na via do desejo, e que o repúdio radical de um certo ideal do bem é necessário para chegar a apreender a via que se desenvolve na experiência analítica. A partir destas indicações, seria possível afirmar que, apesar das declarações dos direitos humanos historicamente consideradas em seu contexto de aparecimento, foi possível a construção de um arcabouço jurídico-institucional capaz de empreender uma crítica radical do ideal do bem? Aqui, parece-nos que Lacan fala do ideal do bem fundado pelo utilitarismo, isto é, o máximo de utilidade para a maioria, o máximo de bens para a maioria como busca da felicidade sancionada socialmente. Ora, Lacan observa, ainda no discurso sobre a função do bem, que:

O âmbito do bem é o nascimento do poder. A noção de disposição do bem é essencial, e se a colocamos no primeiro plano vem à luz tudo o que significa a reivindicação do homem que conseguiu, num certo momento de sua história, dispor de si mesmo. Não fui eu, mas Freud quem se encarregou de desmascarar o que quer dizer isso na efetividade histórica. Dispor de seus bens, todos sabem que isso se acompanha de uma certa desordem, que mostra suficientemente sua verdadeira natureza – dispor de seus bens é ter o direito de privar os outros de seus bens” (LACAN, idem, ibidem).

A colonização permanente, que atesta o caráter parasitário da linguagem em relação ao ser, de tal modo que só seja possível conceber o ser a partir dela, é o tema do ensaio de Manoel Tosta Berlinck intitulado *Insuficiência imunológica psíquica* (2008), onde o autor analisa o mais amplo e eficaz genocídio produzido pelo Ocidente moderno, a conquista da América espanhola<sup>3</sup>, a partir da obra do dominicano Bartolomé de Las Casas, para construir sua hipótese da insuficiência imunológica psíquica dos povos nativos americanos, nestes termos:

---

<sup>3</sup> Para Berlinck, “trata-se, indiscutivelmente, do maior, mais amplo e eficaz genocídio de que se tem notícia no Ocidente moderno, sendo bem maior do que o praticado pela Alemanha nazista com judeus e ciganos europeus” (BERLINCK, 2008, p. 180). Segundo os relatos lascasianos, o número aproximado de mortos, apenas nas primeiras décadas de colonização espanhola, girava em torno de 15 milhões de indivíduos.

Para Freud, histeria, obsessão, perversão, etc., são modos de subjetivação, ou melhor, são a subjetividade, pois o sujeito se constitui somente por essa via. É por isso que é possível se falar de uma psicopatologia fundamental, pois o que não institui a subjetividade pela via psicopatológica produz o extermínio.

Entretanto, apesar dessas descobertas tão importantes, ainda estamos longe de compreender por que certas populações são mais vulneráveis do que outras a ataques virulentos, e por que se deixam destruir sem esboçarem nem sequer uma defesa manifesta. Que todos somos portadores de um desamparo originário, responsável inclusive por uma insuficiência constitutiva do aparelho psíquico, não se discute. Essa é uma importante descoberta freudiana. Que a subjetividade humana se manifesta, ainda que de forma evanescente, pela via psicopatológica, também não se discute. Mas ainda que sejamos todos iguais, há uns que são mais iguais que outros constituindo, assim, um enigma que pede imperativamente um esforço de pesquisa e de compreensão. A esse desamparo adicional que, como uma paixão, expõe o sujeito ao extermínio é que estou denominando de insuficiência imunológica psíquica (BERLINCK, 2008, p. 182).

Berlinck sustenta que em relações sociais comunitárias, onde há “ausência de individualismo” (BERLINCK, 2008, p. 183) e onde vigoram normas sociais rígidas a partir das quais as pessoas nascem para ocupar posições fixas previamente determinadas, haveria um espaço diminuído ou inexistente de liberdade e conseqüente margem para a invenção de novos laços e possibilidades de relações sociais, diminuindo também a margem para deslocamentos psíquicos, tornando toda a comunidade vulnerável à colonização: “com a persistência de ataques externos virulentos, tendem a se salvar os membros que abandonam os princípios da comunidade adotando uma atividade que se expressa por movimentos físicos e psíquicos” (BERLINCK, 2008, p. 184). Para Berlinck, o processo colonizador enquanto um ataque externo virulento depende, portanto, da insuficiência imunológica psíquica da comunidade colonizada, e tal processo colonizador pode ser tanto no caso de vírus e outras doenças que se instalam nos corpos quanto de populações que invadem territórios pertencentes a outras populações, de modo que todo processo de colonização envolve um grau de complexidade que necessita de cuidadosa análise (BERLINCK, *idem*, *ibidem*).

Concluindo seu texto, que vai da colonização da América espanhola aos vietcongues e aos que conseguiram se implicar em deslocamentos físicos e psíquicos que atenuaram a insuficiência imunológica psíquica, Berlinck evoca a figura da mãe fálica e sua capacidade de produzir nos filhos um desconhecimento de sua capacidade de se cuidar e se proteger (BERLINCK, *idem*, pp. 190-191). Um dos pontos centrais na teoria lacaniana é o de que o desejo só consegue satisfação sob a condição de fazer uma renúncia parcial, na medida em que a criança renuncia a ser o objeto exclusivo do desejo da mãe (LACAN, 1957-1958/1999, p. 298). Em outras palavras, o texto de Berlinck nos diz que ao realizar a renúncia parcial e ao tornar o desejo demanda, significado pela existência do significante, a criança opera o deslocamento significante em direção ao seu desejo, diminuindo sua insuficiência imunológica psíquica para o restante de sua vida, evitando assim que desenvolva “uma disponibilidade para se entregar ao outro e esse é um campo fértil para a colonização perniciosa, um campo no qual pode vicejar a insuficiência imunológica psíquica” (BERLINCK, *idem*, pp. 190-191).

O ensaio de Berlinck tece uma bela e instigante analogia entre a teoria psicanalítica e a dimensão social e histórica, tendo como eixo a noção de sujeito. Sua hipótese da insuficiência imunológica psíquica, ademais, parece coincidir com a hipótese de Tzvetan Todorov para o desaparecimento das civilizações maia e asteca: “em maia, a mesma palavra significa profecia e lei” (TODOROV, 2010, p. 91); “tudo acontece como se, para os astecas, os signos decorressem automática e necessariamente do mundo que designam, em vez de serem uma arma destinada a manipular os outros (...)” (*idem*, p. 126).

O campo semântico do ataque colonizador virulento, tanto para se referir à violência política quanto à presença de agentes patógenos virais, aplica-se ao caso da colonização americana desde o seu início. Naquele momento, o discurso colonizador era munido pela ética aristotélica traduzida catolicamente por Tomás de Aquino.

Orientada pelo que Lacan denominou de discurso do mestre, a ética aristotélica não é mais capaz de fundamentar a vida política e informar os contornos jurídicos das sociedades contemporâneas sem causar sofrimento psíquico, pois tende a eliminar a singularidade do sujeito em seu discurso, remetendo-a a padrões cujas linhas de força

são as da verticalidade e a da padronização comportamental, escondidas sob o significativo “humano”<sup>4</sup>.

O objetivo deste projeto será, inicialmente, o de realizar uma análise comparativa dos escritos de dois jesuítas portugueses que atuaram em ambientes estrangeiros e potencialmente hostis, alheios ao modo de vida e à cultura europeia: Luís Fróis, missionário no Japão, e Manuel da Nóbrega, missionário no Brasil (BROCCO, 2020). Ambos estavam inseridos na mesma instituição e perseguiam o programa de conversão global ao modo de vida e à visão de mundo sacramental cristã, o que implicava as dimensões do tempo, do espaço e do corpo.

Tais questões se ligam de forma profunda ao surgimento da Psicanálise, sobretudo quando nos detemos no percurso de Freud a respeito das técnicas psíquicas e anímicas que poderiam atuar no tratamento, quando se aproxima de Charcot e Bernheim e escreve *Tratamento psíquico (Tratamento anímico)*, em 1890. Neste importante e fundamental texto, ainda não situado do ponto de vista da técnica psicanalítica, Freud recenseará os avanços científicos da medicina, marcando o fato de esta não se debruçar sobre os fenômenos anímicos ou psíquicos na situação do tratamento. Para Freud, a medicina havia deixado aos filósofos o campo do anímico, preferindo assumir a primazia do físico sobre o psíquico nas situações patológicas.

Freud, então, fará uma verdadeira arqueologia do que ele chama de “magia da palavra”, do fato de que as palavras podem produzir eficácia simbólica nos tratamentos de distúrbios do corpo. Tal eficácia simbólica que aparece no tratamento médico é encontrada historicamente no poder dos sacerdotes, em curas milagrosas, no poder dos *mediuns*, em situações de efeitos de massa – ou seja, em vários conceitos que o próprio Freud irá retomar ou desenvolver ao longo de sua obra, porém aqui há já o núcleo a partir do qual vislumbra a técnica analítica: a importância da palavra e a eficácia simbólica suposta no saber do analista.

Há ainda neste texto um momento fundamental para esta pesquisa, quando Freud demarca o que chamou de *tratamento anímico moderno*: o momento em que a importância da esfera anímica não mais é deixada de lado e nem a cargo do doente escolher o nível de complacência anímica produzida nele, mas um estado de “forçar o surgimento do estado anímico favorável com meios adequados e com foco no objetivo” (FREUD 1890/2017, pp. 31-32): tal seria o tratamento anímico moderno que considero

---

<sup>4</sup> Cabe lembrar aqui da frase, cotidianamente falada no Brasil: “direitos humanos para humanos direitos”, que traz em si uma perversa promessa de aniquilamento de alteridades.

de fato parte da *modernidade* no sentido em que leio o conceito de colonização, isto é, quando, a partir da modernidade, tendo a linguagem e a cultura ou religiosidade humana como referências, se lançou mão de estruturas sofisticadas e complexas com o intuito de converter e realizar a propaganda da fé cristã no interior do processo de colonização. Assim, o tratamento analítico, como Freud o desenvolve nos anos posteriores, parece ser uma via de escape a tal “tratamento anímico moderno” que de fato configura a hipnose, ou seja, o procedimento de *forçar* o surgimento do estado anímico favorável, a partir da sugestão, em detrimento da associação livre.

Assim, este projeto de pesquisa apresenta algumas etapas ou fases. Em um primeiro momento, buscarei uma articulação entre os conceitos de *Simbólico*, *Imaginário* e *Real* no contexto de uma análise de fontes históricas de jesuítas nas zonas de missão do Brasil, da Síria<sup>5</sup> e do Japão. É, com efeito, a partir do enodamento destes conceitos que a nosso sentir é possível a construção de uma via de abordagem que possa unir *Psicanálise*, *História* e *Humanidades*.

Em um segundo momento, colocarei a dimensão da colonização em perspectiva com o discurso analítico. Se colonizar significa tanto a imposição de uma lei quanto o cultivar um solo comum e um culto, isto é, tecer uma cultura, tal bifurcação me parece muito fecunda para um trabalho a partir da psicanálise, a partir dos textos de Freud que possuem uma dimensão tanto psicopatológica quanto social, de modo especial o *Mal-estar na Cultura*, e em dinâmicas que se articulam à obra freudiana, como o desamparo fundamental, a função paterna e, a partir de Lacan, do “significante como órgão de copulação humana” (MAURANO, 2001, p. 115 e ss.). Neste momento do trabalho, procurarei desenvolver o que já proponho hoje como questão: a colonização funcionaria como uma metáfora para a constituição da subjetividade? Seria a colonização a dimensão primeira e basilar da captura do ser pela linguagem e da instauração de um sujeito? (BROCCO, 2020).

Em um terceiro momento, ainda, procurarei colocar em perspectiva obras que, ao longo do século XX, se debruçaram sobre a problemática da colonização, e em que medida e em que sentidos tal problemática colonial e *decolonial* poderia se aproximar do horizonte aqui esboçado.

---

<sup>5</sup> Ao longo da escrita deste trabalho, nos pareceu pertinente tomar de forma breve e pontual, a partir dos estudos de Frank Lestringant, o exemplo da atuação do jesuíta Joseph Besson na Síria do século XVII, aproximando-o da experiência missionária no Brasil.

Se a emergência do sujeito e de seu desejo se dá em um hiato, em um entre dois significantes, lugar vazio e ponto enigmático a partir do qual o sujeito enceta seu desejo e no qual se inscreve no mundo, a partir das operações de alienação e separação, proponho que tal movimento se dê e se traduza pela dinâmica de colonização. Para Lacan, o lugar do conflito deixa um lugar vazio, e é neste lugar vazio que aparece “uma reação, uma construção, uma encenação da subjetividade” (LACAN, *Seminário 3*, p. 41 ed. francesa, citado por MAURANO, op. cit.).

Assim, talvez, as convocações para a tarefa de combater e eliminar o poder colonial sejam agenciamentos políticos instaurados pelo lugar vazio entre dois significantes. O movimento de saída e separação em relação à lei do colonizador, assim, denuncia o significante da falta do Outro. Mas, seria possível a abertura de um horizonte pós-colonial que abolisse a lei? E em que sentido tal operação se daria, que nova lei poderia se instaurar? Na tentativa de resposta a tais impasses, evoco Alain Didier-Weill, para quem a existência faltosa de um sujeito articula a antinomia que consiste em sustentar, ao mesmo tempo, tanto o Nome do Pai quanto o S(A): não há um sem outro (DIDIER-WEILL, 2001, p. 17).

Do ponto de vista da psicopatologia, proponho articular a problemática da colonização em perspectiva histórica e comparada com as três estruturas clínicas: neurose, psicose e perversão, dando maior acento à histeria e à perversão como estruturas a partir das quais o discurso colonizador se articula. Assim, poderíamos falar, segundo minha hipótese, em uma perversão estrutural brasileira, fazendo uma alusão ao recente livro de Silvio Almeida, *Racismo estrutural*. Almeida encontrou um sintagma que torna possível localizar e elaborar questões muito importantes da estruturação social e simbólica brasileira.

A histeria, por outro lado, aparecendo na vertente da *histoeria*, permitiria articular a falta do significante do Outro com um questionamento político e histórico de caráter crítico, por um lado, e por outro lado poderia também funcionar como demanda de nomeação e identidade feita em direção ao saber do mestre. Tais questões delicadas do ponto de vista psicopatológico, social e histórico, serão desenvolvidas ao longo do projeto.

## **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

ALMEIDA, Silvio Luiz de. (2020). *Racismo estrutural*. São Paulo: Sueli Carneiro; Editora Jandaíra.

BERLINCK, Manoel Tosta (Org.). (1997). *Histeria*. São Paulo: Editora Escuta.

BERLINCK, Manoel Tosta. (2008). “A noção de sujeito em psicanálise: um projeto de pesquisa”. *Psicopatologia fundamental*. São Paulo: Escuta.

BERLINCK, Manoel Tosta. (2008). “Insuficiência imunológica psíquica”. *Psicopatologia fundamental*. São Paulo: Escuta.

BOLLAS, Christopher. (2000). *Hysteria*. São Paulo: Escuta.

BROCCO, Pedro. (2020). *Linguagem e Colonização: análise comparada das missões jesuítas no Brasil e no Japão (1549-1587)*, 2 volumes. Porto Alegre: Editora Fi.

CERQUEIRA FILHO, Gisálio. (2005). *Autoritarismo afetivo: a Prússia como sentimento*. São Paulo: Editora Escuta.

DIDIER-WEILL, Alain. (2001). Prefácio, In : MAURANO, Denise. *A face oculta do amor: a tragédia à luz da psicanálise*. Rio de Janeiro: Imago/Editora da UFJF.

FÉDIDA, Pierre. (1991). *Nome, figura e memória: a linguagem na situação psicanalítica*. São Paulo: Escuta.

FREUD, Sigmund. (2020). *Cultura, sociedade, religião: o Mal-Estar na Cultura e outros escritos*. Belo Horizonte: Autêntica (*Obras incompletas de Sigmund Freud*).

FREUD, Sigmund. (2012). *Obras completas, volume 11: Totem e Tabu, Contribuição à história do movimento psicanalítico e outros textos (1912-1914)*. São Paulo: Companhia das Letras.

FREUD, Sigmund. (1996). Projeto para uma psicologia científica, 1950[1895]. In: *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: Edição Standard Brasileira*, Volume I. Rio de Janeiro: Imago.

FREUD, Sigmund. (2017). “Tratamento psíquico (Tratamento anímico)”, 1890. *Fundamentos da clínica psicanalítica*. Belo Horizonte.

JORGE, Marco Antonio Coutinho (2000-2017). *Fundamentos da Psicanálise de Freud a Lacan*, 3 volumes. Rio de Janeiro: Zahar.

LACAN, Jacques. (1998). *Kant com Sade*, 1962. In: *Escritos*. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

LACAN, Jacques. (1998). *O estádio do espelho como formador da função do eu*, 1949. In: *Escritos*. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

LACAN, Jacques. (1999). *O Seminário, livro 5: as formações do inconsciente, 1957-1958*. Rio de Janeiro: Zahar.

LACAN, Jacques. (2008). *O Seminário, livro 7: a ética da psicanálise, 1959-1960*. 2 ed. Rio de Janeiro: Zahar.

LACAN, Jacques. (2003). Prefácio à edição inglesa do Seminário 11, 1976. In: *Outros Escritos*. Rio de Janeiro: Zahar.

LESTRINGANT, Frank. (2002). *L'antipathie entre les peuples (XVIe-XVIIe siècles), de Luis Frois à Antoine Galland*. Cahiers de l'Association internationale des études françaises, n. 54, pp. 175-192.

MAURANO, Denise. (2001). *A face oculta do amor: a tragédia à luz da psicanálise*. Rio de Janeiro: Imago/Editora UFJF.

PEREIRA, M. E. C. (2019, dez.). Projeto de uma (psico)patologia do sujeito (I): redefinição do conceito de psicopatologia à luz da questão do sujeito. *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*, 22(4), 828-858. <http://dx.doi.org/10.1590/1415-4714.2019v22n4p828.10>.

TODOROV, Tzvetan. (2010). *A conquista da América: a questão do outro*. São Paulo: WMF Martins Fontes.

VILLEY, Michel. (2005). *A formação do pensamento jurídico moderno*. São Paulo: Martins Fontes.

VILLEY, Michel. (2007). *O direito e os direitos humanos*. São Paulo: WMF Martins Fontes.